

Semana Bíblica 1965:

Ó querida, problemática Comunidade!

O Conselho Diretor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana resolveu recomendar a tôdas as comunidades da Igreja a realização de "semanas bíblicas", de preferência no mês de outubro, dando assim destaque especial ao Dia da Reforma. Recomendam-se para o ano de 1965, os textos escolhidos da 1.^a epístola aos Coríntios (1, 1-17; 1,18; — 2,5; 3, 1-15; 4, 1-16; 11, 17-34; 12; 13). Êsses textos falam à "cara, problemática comunidade" cristã em Corinto e a "todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo"; êles foram escolhidos pela comissão alemã que, há quase trinta anos, prepara as semanas bíblicas que de lá se espalharam sôbre todos os continentes; a mesma comissão publicou um livro "Geliebte, ärgerliche Gemeinde" na editôra "Christlicher Zeitschriftenverlag Berlin", sub-título "Handreichung zur 27. Bibelwoche 1964/65 über 1. Korinther 1-13".

Sôbre as "semanas bíblicas" encontram-se algumas anotações

- a. nos Estudos Teológicos, n.º 1 deste ano de 1965, pág. 24-35;
- b. no almanaque da IECLB, "Seleções Evangélicas" 1965, pág. 159-62

Resumimos: A Semana Bíblica é um estudo intensivo, de preferência em sete dias subseqüentes, de um complexo bíblico, se possível com a Bíblia aberta na mão de todos os participantes, um esforço concentrado para aprofundar os conhecimentos bíblicos na comunidade.

O conjunto de textos, escolhidos para 1965, diz respeito à Igreja local, à tão querida, mas também tão problemática comunidade, à congregação que hoje enfrenta problemas diferentes daqueles de Corinto, mas na qual se pode descobrir muitas linhas paralelas com a primitiva cristandade. Tentou-se nesta elaboração, aproveitando o manual alemão para esta semana bíblica, indicar umas linhas-mestras para o estudo nas comunidades; não pode êsse artigo substituir e, sim, visa estimular a preparação e meditação individual e coletiva (p. ex. na conferência dos pastôres). Reduziu as teses do manual alemão a alguns temas centrais, indicando, entretanto, com certa fidedade, as sub-divisões e grande parte das perguntas que o manual alemão apresenta para o estudo e debate

nas comunidades. Os problemas entre nós são diferentes dos da Alemanha; temos que traduzir e adaptar.

O tema desta semana bíblica apresenta paralelas ao estudo realizado no Sínodo Riograndense sobre Mordomia Cristã, neste ano de 1965. É nossa convicção que o movimento da mordomia cristã encontra sua mais extensa justificação nos capítulos desta epístola (I. Cor. 12 foi estudado em diversos concílios regionais); mas é também nossa convicção que só um estudo *integral* da responsabilidade cristã na comunidade e sociedade poderá tornar frutífera esta mordomia, para que ela não fique só um novo sistema de arrecadação. Junto com a campanha evangelística dos nossos irmãos batistas nesse ano de 1965, o reavivamento de nossas comunidades chama pela fundamentação bíblica.

Foram indicados, para cada texto, em consonância com o manual alemão, um versículo do texto para memoriar, um salmo para oração inicial e uns hinos; trata-se, é claro, apenas de sugestões.

1.º tema: I Coríntios 1, 1—17

DEUS CONVOCA — VÓS BRIGAIS

1. I Coríntios — uma epístola ecumênica (1-3)
2. O início são ações de graça (4-9)
3. Não pode faltar a exortação (10-13)
4. A pregação do evangelho é fundamental (14-13)

1. Atos 18: Paulo esteve um ano e meio em Corinto. Por isso é muito pessoal e íntima sua relação com a comunidade de lá. Trocam notícias e cartas (1, 11: 4,17; 5,9; 16,17; II Cor. 2, 3-4; 8,6). Estas cartas são inconfundíveis, tratando de problemas específicos daquela comunidade; porém, em tudo isso, a comunidade de Corinto não deixa de ser parte da "Igreja de Deus", composta, como as nossas, de "santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos". As diferenças entre Corinto e nossas comunidades não prejudicam a vocação igual que partiu de Deus, vocação que é ecumênica, i. é. universal. A uma vocação de Deus constitui a unidade da Igreja, apesar das particularidades históricas, psicológicas, sociológicas ou geográficas.

O autor, Paulo, apresenta-se como "chamado para ser apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus". A primeira razão da carta não são ligações pessoais e particulares, nem simpatia, nem antipatia, nem a autoridade de um professor frente a seus alunos; o ponto de partida é a vocação divina, a convocação, que junta, num triângulo, Deus, o apóstolo, e a comunidade.

Quem é o co-autor Sóstenes? O principal da sinagoga de Corinto (veja Atos 18,17)? Não sabemos. Mas o fato que Paulo o menciona, mostra o apóstolo disposto para cooperação (team-

-work; Luc. 10,1) que limita, de um lado, a ação das testemunhas, para, noutro lado, intensivá-la.

Perguntamos: De que maneira dirige-se a “Epístola aos Coríntios” também à nossa comunidade? Praticamos nós em escala suficiente a cooperação e a missão de “dois a dois”? No triângulo Deus-apóstolo-comunidade: quem seriam hoje os apóstolos?

2. Não é só por tática ou cortesia que Paulo começa quase tôdas suas epístolas com uma ação de graças, embora que em verdade um pouco de gentileza sempre abre melhor os ouvidos e coração daquele com que falo, vendo-se êle, assim, respeitado entendido e tratado com serenidade.

O agradecimento de Paulo é mais: reconhece que a divina graça está operando na comunidade, apesar de ser ela “problemática”. A primeira ação sempre é a de Deus, de Cristo cuja Palavra convoca-nos na Igreja; e esta ação da graça deveria, em muito maior escala, despertar nossas ações de graças!

Quem olha primeiro para Deus e a obra d’Ele, não cairá tão facilmente, num dos dois êrros: ou que, de tanta herva má não vê o trigo que cresce devagar, ou que se entusiasma e vangloria com uma fachada manipulada e manipulável. Paulo não inicia sua carta com um levantamento otimista ou pessimista, mas com uma oração; e da oração faz parte, não só a intercessão em favor de alguém, mas também a gratidão pela graça recebida: que o testemunho de Cristo foi confirmado nos Coríntios, sendo êles assim não perfeitos, mas encaminhados à direção do aperfeiçoamento, encaminhados rumo ao fim, ao dia da revelação final do Senhor Jesus Cristo.

Entre os dons que servem a tal confirmação e aperfeiçoamento, Paulo enumera “doutrina” (Palavra) e “conhecimento” espiritual (Gnosis) — também a “gnosis” que criou tantos problemas em Corinto, é um dom de Deus, se aproveitada na edificação.

A riqueza de dons espirituais na comunidade não vem do esforço próprio: “fôstes enriquecidos”, reza o passivo. O sujeito do qual vem a graça e ao qual se agradece, é Deus que chamou, convoca e santifica a Igreja.

Perguntamos: Temos nós, olhando para nossas comunidades, razão para tal agradecimento? Quais são os dons e talentos espirituais de Deus em nossa comunidade? Intercessão e ação de graças têm entre nós seu devido lugar? Quando lemos anúncios “Ao Sto. X por graça recebida” — rimos ou meditamos?

3. Olhando para Deus, reconhecemos o que é pouco satisfatório entre nós. E m nome de Cristo, e não em autoridade usurpada, Paulo roga, exorta, adverte. Sabendo (pelos da casa de Cloé) de reparos a serem feitos à conduta da comunidade, Paulo fala direta e concretamente. Pois a riqueza em doutrina e conhecimento deve ter consequências na vida, a justificação pela fé deve mostrar fru-

tos na santificação (Helsinqui!). Deus lançou os alicerces, e a Igreja deve edificar-se sobre este fundamento indivisível. Culto de pessoas, glória humana, diferenças entre os fiéis, arrogância e petulância destroem a unidade da Igreja. Impossível é dividir Cristo e sua obra redentora. Influências humanas não passam de grupos limitados; Cristo morreu por todos!

Paulo não combate as divisões na comunidade com tópicos e provérbios como “a união faz a força”, como também a principal raiz dos movimentos que visam a unidade da Igreja, não é oportunismo: a unidade da Igreja fundamenta-se no uno Senhor e na sua una vocação.

Falar da Unidade da Igreja significa falar de Cristo, e só assim excluiremos a ameaça de sempre novas divisões e dissensões devidas a dúvidas, dívidas, pecados humanos.

Perguntamos: Entre nós há “culto de pessoas”? Procuramos a unidade da Igreja por razões de conveniência, tática ou por amor a Cristo? Quais as divisões que notamos no seio de nossa própria comunidade?

4. Quando Paulo dá ênfase à declaração de que ele batizou apenas poucos coríntios, desconfiam uns que nisso existisse um menosprezo do sacramento do batismo. Mas não pode ser esta a intenção do missionário Paulo; pois no cap. 10, ele demonstra como o batismo foi preparado já no Antigo Testamento; cap. 12,13 menciona que “todos fomos batizados em um corpo, em um só Espírito.” Paulo aqui não se refere ao ato do batismo e, sim, ao executor do batismo (celebrante). Visto que existe a possibilidade de o batismo criar relações e ligações pessoais entre aquele que batiza e o outro que fôr batizado, Paulo sublinha que não existem relações desta natureza entre ele e os coríntios, nem com os que são da seita “de Paulo” (Vers. 12 e 13). Único conteúdo e base de pregação e sacramento é Cristo. A predominância de laços pessoais na comunidade ameaça destruir sua unidade.

Perguntemos: Não confundimos nós também certas vezes mensagem e mensageiro? Qual a significação do batismo para a comunidade? Até que ponto servem relações particulares à edificação da comunidade, e quando é que se tornam perigosas?

Versículo para memoriar: I Cor. 1, 9 Hinos 105, 107 Salmo 100.

2.º tema: I Coríntios 1, 18 — 2, 5

CRISTO MORRE NA CRUZ — VÓS O QUEREIS SABER MELHOR

1. A sabedoria do mundo não alcança a meta final (1, 18—22)
2. A cruz de Cristo serve judeus e gregos (1, 23—25)
3. A composição da comunidade reflete o mistério da vocação (1, 26—31)
4. A autoridade do apóstolo deriva da força divina (2, 1—5)

1. A sabedoria do mundo não alcança a meta final. Paulo fala a homens que, reconhecendo a necessidade da "religião" e do sentimento religioso, querem chegar a Deus por um caminho próprio, por teorias e ideologias ou idolo-logias, por sabedoria e sistemas teológicos (gnosis). A tais tentativas humanas, Paulo opõe seu enérgico "não", seu termo ofensivo da "loucura".

Este "não" do apóstolo contra a sabedoria do mundo refere-se ao aspeto da salvação. A fé não nega a importância da sabedoria e da ciência para decifrar e explicar os fenômenos da natureza; pelo contrário: foi a fé cristã que, eliminando a crença em divindades e demônios, abriu o caminho das ciências modernas. Só quando a ciência ultrapassa os limites do reconhecível e se torna ideologia, julgando invencível certas hipóteses, oferecendo e glorificando um certo caminho para a salvação da humanidade, para a criação do paraíso no mundo: só então cai este tipo de sabedoria com toda sua arrogância sob o julgamento de Deus: Deus torna louca tal sabedoria do mundo.

O versículo 18 sublinha outra verdade ainda: que ninguém pode ficar neutro quando se trata da salvação eterna. Há os que se perdem, há os que são salvos — *tertium non datur*: não pode existir indiferença diante do último destino da vida.

V. 21: A salvação vem partindo de Deus. "Aproveu a Deus". Deus não é objeto do homem que o procura; Deus mesmo abriu o caminho sem se importar com as idéias ou teorias ou teologias humanas. Deus na sua misericórdia não agiu em correspondência com as teorias dos sábios, e escolheu o caminho da humilhação, loucura nos olhos humanos (para gregos e judeus, para alemães e brasileiros). A cruz de Cristo é conteúdo e símbolo da fé. A reconciliação é o caminho de Deus que O levou ao abismo de nossa miséria e perdição, e não há outra saída de lá.

Perguntamos: Quais são hoje as teorias e especulações que se aprendem como exclusivas salvadoras? O homem moderno sabe que é necessário decidir entre salvação e perdição? Por que é que na mensagem da cruz culmina toda a teologia?

2. Nas comunidades daquela época encontramos dois tipos de religiosidade: os judeus que procuram sinais, poder, baseando sua fé em fatos históricos, quer acontecimentos naturais, quer supranaturais; os gregos procuram sistematizar, coordenar, descobrir casualidades. Os tipos são diferentes, mas ambos refletem um otimismo e perfeccionismo humano, querendo atingir o alvo final pela força ou sabedoria própria. Ambos, judeus e gregos, estão perdidos sem Cristo. A cruz é uma contradição às teorias judias e gregas — mas aos que foram "chamados" (outra expressão que tem Deus como sujeito!), ela é "poder e sabedoria de Deus". Lembrando-nos que Paulo foi informado sobre divisões e dissensões na comunidade, compreendemos que ele recorre ao ponto central para restabelecer a unidade. Perante Deus só é possível uma solidariedade de judeus e gregos como pecadores que estavam perdidos

enquanto em si confiaram, e que foram salvos pela cruz, pela morte de Cristo, chamados por Ele em um corpo.

Perguntamos: Como traduziremos os argumentos de Paulo na língua de hoje? Quais os tipos de religiosidade que enfrentamos em nosso meio? Como respondemos nós ao chamamento e desafio que a perdição de milhões de crentes das filosofias modernas nos dirige?

3. Enquanto arrogâncias e ambições humanas dividem a comunidade, a consciência da própria fraqueza e do pecado e a gratidão, pelo imerecido dom da graça criam nova comunhão. Neste sentido, a composição social da comunidade de Corinto prova a força salvadora, renovadora e convocadora da cruz. O fato que a maioria dos cristãos em Corinto vem das camadas inferiores da estrutura social, interpreta a grandiosa condescendência divina. Além disso, a alusão à situação social pretende destroçar o vão orgulho dos Coríntios.

Com isso, Paulo não quer justificar ou cimentar diferenças sociais existentes, nem dizer que a Igreja se deve restringir a servir certas camadas sociais. Não é *por causa* de sua situação sociológica, e sim: *apesar* desta, que Deus escolheu pobres e humildes. Ele humilha os orgulhosos; mas orgulho existe também no proletariado!

Paulo quer que ninguém se vanglorie diante de Deus com que quer que seja: sabedoria ou riqueza, humildade ou pobreza. Causa da glória, ou glória mesma, para nós é Cristo, sem o qual não há salvação.

Perguntamos: O levantamento sociológico de nossa comunidade causa-nos gratidão ou preocupação? Que devemos aprender de Paulo a respeito disso?

Será certo que fatores externos (sociológicos, nacionais, lingüísticos) predominam na edificação da Igreja? Quais as causas de glória vã entre nós?

4. Como a comunidade, também o apóstolo, na sua apresentação em Corinto, não dispôs de poderio externo. Bem conhece Paulo os limites de sua capacidade física e retórica (Gal. 4,13; II Cor. 11-12), e os Atos (18, 9-10) parecem comprovar que ele, em Corinto, passou por uma depressão. Mas não daremos importância demasiada a esses trechos! Paulo, ainda com suas fraquezas, foi uma personalidade do "mais alto gabarito", de extraordinárias forças físicas e espirituais, senão não poderia ter realizado tudo aquilo que os Atos e as epístolas relatam.

O grande apóstolo, porém, mostra sua humildade aos Coríntios que queriam saber e ser algo extraordinário. Ele não. Não quer ser, nem saber, algo acima de Jesus e de sua cruz.

"nada saber" (2,2) se refere à pregação e ao seu conteúdo principal. No que se refere à educação e aos conhecimentos, temos

prova que Paulo não ficou atrás dos grandes de sua época. Mas tudo isso fica subordinado à mensagem que Deus lhe confiara, mensagem que não vive de nossa arte retórica, nem de grau de instrução que nós recebemos.

Perguntamos: Quais são as condições principais para o serviço do pregador? Quais as relações entre a pessoa e a mensagem da testemunha? Quais são os critérios mais importantes para a apreciação dum sermão?

Versículo para memorizar: I Cor, 1, 18 Hinos 171 e 33 Salmo 146

3.º tema: I Coríntios 3, 1-15:

DEUS LANÇOU O FUNDAMENTO — VÓS OLHAIS PARA HOMENS

1. Discórdia é sinal de um inoportuno culto de personalidades (1-4)
2. Cooperação no serviço de Deus exclue tôda outo-glória humana (5-9)
3. O fundamento lançado por Cristo marca a estrutura para edificação da comunidade (10-11)
4. O fogo provará (12-15)

1. A comunidade em Corinto julgou-se abastada, com ricos dons espirituais. Paulo, porém, fala aos Coríntios como a “carnais, como a crianças em Cristo”! Amor e irritação causa a comunidade ao apóstolo, e por isso continua êle com esta estranha mistura de reconhecimento e advertência que caracteriza tôda a carta à querida, problemática comunidade.

Paulo, recordando o início de seu trabalho em Corinto, lembra que teve de tratar os Coríntios como crianças. “Leite vos dei a beber, não alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo”.

Êle traça aqui em algumas linhas a visão de uma catequese contínua, que abrange a vida tôda dos cristãos. A comunidade, tampouco quanto o cristão individualmente, está perfeita, em estado algum. Sempre continuam aprendendo e ensinando, sem, com isso, abandonar a uma verdade fundamental; pelo contrário: sempre sob novos aspectos, sempre em novas côres, conforme a capacidade receptiva dos ouvintes, deve ser apresentada e ensinada a mensagem salvadora da cruz de Cristo.

Existe uma discrepância muitas vêzes e em muitos lugares entre aquilo que se sabe e aquilo que é praticado. Muitos, embora cristãos há muito tempo, não alcançaram a maturidade. A catequese contínua dirige-se aos neófitos tão bem como aos que estão mais progredidos na sua vida cristã, para que alcancem, finalmente, plena concordância entre doutrina e prática, dogmática e ética evangélicas.

Perguntamos: Podemos nós falar de comunidades “maturas” ou, como é o termo da legislação brasileira, “emancipadas”? Quais as regras para a organização duma catequese que abrange toda a comunidade e é administrada em escola, Igreja e lar? Estamos certos ao limitar a Escola Dominical a um culto para crianças? Quais os resultados alcançados com classes de adultos na escola dominical?

2. O chamamento para a modéstia que Paulo dirige aos Coríntios, que andavam confundidos por arrogância e culto de personalidade, começa com a apresentação de dois exemplos. No seu próprio trabalho e no de seu colaborador Apolo, Paulo exemplifica que homens no serviço de Deus são ferramentas, servos de Deus, sem direito a glorificação pessoal.

Pode o pregador se referir a si mesmo no sermão? É muito discutida esta pergunta na literatura homilética. Podemos citar exemplos que, às vezes, ocorrem graves erros neste setor. Em todo caso podemos considerar Paulo como uma exceção duma regra em vigor; e se ele se serve de exemplos da sua vida particular (muitas vezes provocado pela outra parte, aqui pelos partidários que se chamam com seu nome), então o faz para não envergonhar demasiadamente os outros.

Paulo se chama a si mesmo “servo por meio de quem crestes” (5), mas também “cooperador de Deus” (9). Deus que não precisa de intermediários, houve por bem ordenar que o homem contribuísse para o crescimento da sua lavoura. Assim é no que se refere ao primeiro artigo do Credo, e parecido no terceiro. Deus quer com homens-instrumentos cultivar a lavoura espiritual; só que os instrumentos não merecem glória por si mesmo. Apolo era um “homem eloqüente e poderoso nas escrituras” (Atos 18,24), mas como intermediário da divina mensagem ele é servo da comunidade, nunca dono.

Assim, Paulo plantou, Apolo regou; os serviços são diferentes, e no estudo do capítulo 12 veremos a sua multiplicidade; mas sendo um o Senhor ao que tudo pertence e obedece, pode-se perguntar “Quem é Apolo? e quem é Paulo? Servos” de um Senhor, mas de diversas funções “conforme o Senhor concedeu a cada um” (5).

Perguntamos: Que entendemos nós sob “cooperadores da comunidade”? Podemos aplicar ainda o exemplo da lavoura espiritual? Quando e onde se permitem exemplos da própria vida do pregador?

3. Os dois exemplos do versículo 9, lavoura e edifício de Deus, têm uma base comum. Na lavoura, o homem é cooperador, mas nada pode ele sem Deus, sem chuva, sol e vento. Num edifício, o fundamento já mostra as divisões da futura construção. O trabalho humano é subordinado à ação de Deus, pois ele dá o conteúdo da mensagem, ele lança os fundamentos.

Ele lançou, de uma vez para sempre, o fundamento, diz Paulo. O fundamento é Jesus Cristo. Deus se humilhou, desceu das alturas e assumiu forma humana, vestiu-se de um corpo humano, vivendo no homem Jesus, e lá no Calvário iniciou-se no Cristo de Deus, a nova criação.

Nesta mensagem resume-se, como Paulo não cansa de repetir, o evangelho todo, e esta mensagem é o fundamento da Igreja — não há outra base para tudo que se realiza na vida da comunidade, e tudo fica subordinado à Palavra da Cruz. Mais uma vez, Paulo polemiza contra a doutrina gnóstica que menosprezou a vida corporal, e se elevou a um vôo de grandes alturas. A composição dos dois nomes “Jesus e Cristo” expressa humilhação e glória, divindade e humanidade do salvador, e só assim podemos legitimamente falar da nossa própria salvação.

Perguntamos: Que dizem, em comparação com o termo do edifício que Paulo usa, as outras explicações e exemplos do Novo Testamento com conteúdo semelhante: Mat. 7,24; 16,18; Atos 20,32; II Cor. 5,1; Ef. 2,20; 4,12; I Pedr. 2,5; Judas 20? Estamos em nossas comunidades empenhados na edificação? Que significa a nossa confissão da fé em Jesus como o Cristo de Deus para nossas comunidades hoje?

4. Na lavoura são diferentes os serviços, numa construção diferem os materiais. Paulo muda um pouco o aspeto de seu exemplo do edifício, visando agora a prova pelo fogo.

Toda existência cristã tem seu espaço entre o lançamento dos alicerces por Deus e o grande julgamento. Pelo fogo será provado o que dura, o que permanece. Se o mundo passa com tudo o que nele há, como podemos nós glorificar homens e obras humanas?

Os últimos versos de nosso texto abrem a possibilidade de múltiplas formas e diferentes materiais na edificação da Comunidade; uniformidade nunca foi o sinal da Igreja. Os tradicionalistas e os renovadores devem perguntar-se se sua ação é relacionada com o fundamento, se sua edificação contribui para completar o edifício que Deus planejou. Não cabe a nós julgar; o dia final (o dia, 13) provará se aquilo que nós fizemos e construímos, permanecerá.

O versículo 15 é considerado pelos católico-romanos como locus classicus para sua doutrina do purgatório. Na semana bíblica não será necessário falarmos disso; dentro da sua epístola, Paulo convida até com esse exemplo novamente os elementos sectários em Corinto: há salvação para todos os que cooperam na edificação da Igreja, embora “como que através do fogo” para aqueles cujas matérias de construção são como palha ou feno.

Perguntamos: Contamos em nossas comunidades ainda com o dia final? Olhamos tudo sob o aspeto do grande julgamento? — Quais são os elementos variáveis, quais os que devem ser conservados na edificação da Igreja?

Versículo para memorizar: I Cor. 3,9 ou 11 Hino 151/158 Salmo 118, 14-23

4.º tema: I Coríntios 4, 1-16

DEUS ABSOLVE — VÓS JULGAIS

1. Serviço de Deus não está sujeito ao critério de homem (1-5)
2. O exemplo do apóstolo serve de aprendizagem à comunidade (6-7)
3. Serviço para Deus inclui que sofremos ultraje e cruz (8-13)
4. A grave advertência resulta de amor paternal (14-16)

1. Os primeiros versos tratam dos “despenseiros” (não “dispenseiros”, como se lê em antigas publicações). Serviço de despenseiros (Mordomia; stewardship) é aquilo que praticamos na comunidade.

Despenseiros têm uma certa autoridade e responsabilidade sobre tudo que lhes é confiado, mas não são autônomos, e, sim, devem prestar contas sobre o que fizeram com seus talentos.

“Ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus” quer dizer que todo serviço dos despenseiros depende do Senhor, e o termo “mistérios” caracteriza o conteúdo de nosso serviço como fora de nossas manipulações, dom da exclusiva competência de Deus.

Fielidade é que se exige dos despenseiros; e, partindo dali, nos é possível subordinar tudo que hoje chamamos de mordomia: uso responsável e planejado dos dons que Deus nos conferiu: de nosso dinheiro e de nossos bens, do tempo de nossa vida e de nossas forças e capacidades, dos “talentos” (Mateus 25, 14-28).

Fielidade é a resposta à grande confiança que Deus em nós depositou chamando-nos para sermos despenseiros de sua graça. Neste sentido, o Apocalipse fala até de Jesus como da “fiel testemunha” (Apc. 1,5). Sempre de novo, a Bíblia chama a Deus de fiel, e nossa fielidade seria só um reflexo, uma resposta, significa que nós queremos corresponder em nossa vida a tudo que êle nos deu.

Se, porém, o despenseiro é fiel ao seu Senhor, então não se pode importar com críticas de terceiros. Neste sentido, Paulo dá pouca importância às críticas e condenações que certos grupos em Corinto levantaram contra sua pessoa e sua obra. Isso não quer dizer que êle se considera infalível; êle mesmo exerceu a crítica contra Pedro, e, incorporando-se ao “team-work”, subordina-se à discussão mútua, indispensável para um pregador que visa despertar um vivo eco em seus ouvintes.

Esta independência frente a críticas acerbas ou lisonjeiras culmina no vers. 3: nem tão pouco julgo a mim mesmo. Fora de dúvidas, Paulo confessa aqui em vista de sua ação e de seus planos, que tem uma consciência tranqüila. Diante dos homens êle não conhece acusação nenhuma — justificado, no sentido mais amplo, porém será êle pelo Senhor. (Bonhoeffer: Vor Menschen sprechen

wir selbst uns frei. Nur vor dir, aller Wesen Ergründer, vor dir sind wir Sünder)

O julgamento final cabe ao Senhor (prova de fogo!), e seu louvor no dia final acaba com tôdas as acusações dêste tempo passageiro.

Perguntamos: Qual o sentido da mordomia nos diversos setores e serviços da comunidade? Qual é a base de nossa fidelidade? Quais são as possibilidades e quais as limitações de crítica e auto-crítica dentro da comunidade?

2. Doutrina e vida, dogmática e ética são inseparáveis. Embora que a dignidade e grandeza do conteúdo não ficam prejudicadas por um vaso menos digno, é a primeira necessidade que as testemunhas não admitam em sua própria vida uma terrível discrepância entre palavra e ação. A renovação em Cristo que anunciamos, deve ser provada em vida e exemplo do pregador.

Cristo não só ensinou por palavras e obras, também deu um vivo exemplo a seus discípulos. O mesmo pode-se dizer dos apóstolos, que nos podem servir como exemplos da "imitação de Cristo". Não é por mero acaso que a parábola diz "A vida dos cristãos é a Bíblia dos que não crêem." Nosso tempo duma inflação de palavras vê e valoriza tanto mais o exemplo vivido dos cristãos. Chama nossa atenção à liberdade com que Paulo, exatamente para combater a falsa arrogância em Corinto, exemplifica em sua própria vida o que tem a dizer à sua comunidade.

E assim, de imediato Paulo pode continuar apelando aos ouvintes e leitores de sua epístola: Que tens tu que não tenhas recebido? Esta pergunta vale em todos os setores que os três artigos do Credo abrangem, a vida em sua totalidade.

O apóstolo fala à comunidade; é lícito, entretanto, de olhar para fora dela e reconhecer a mesma doutrina errada que confia só na própria ação, na própria perfeição humana, esta fé no progresso humano. O exemplo do apóstolo serve à comunidade, a vida exemplar dos cristãos seria então admoestação e advertência para o mundo todo.

Perguntamos: Que significa a vida do apóstolo Paulo para o conteúdo de sua doutrina? Qual a importância do exemplo em nosso testemunho? Onde existem entre nós cristãos com uma vida exemplar?

3. Parece uma ironia grandiosa a continuação de nosso texto. Enquanto Paulo em sua própria vida experimenta o sofrimento da cruz que Cristo deu aos seus para carregar, parece que os Coríntios já se consideravam satisfeitos, abastados, poderosos (espiritualmente; porque sabemos que a comunidade lá era composta de operários das docas e outros integrantes de classes pouco favorecidas).

Oxalá reinásseis! Paulo não se resignou diante das aflições que sua função lhe trouxe. Com tôda a cristandade aguarda o apóstolo o dia em que Cristo reúne os seus na sua glória para reinar sobre o mundo. Mas êle sabe que entre a sexta-feira santa e o dia final se estende nosso caminho pelo "vale de lágrimas", pelo "vale da sombra da morte".

Enquanto não vier o dia final, ao exemplo daquilo que Cristo sofreu, sofrerão também os seus seguidores. O testemunho do cristão consiste em palavras, obras e sofrimentos. Longe da última perfeição, tornam-se os verdadeiros seguidores de Cristo "lixo do mundo, escória de todos".

Nisso, porém, já começou a nova vida. A paz começa a reinar aos pés da cruz: injuriados, bendizemos; perseguidos, suportamos; caluniados, procuramos conciliação. Em meio da desilusão, Paulo mostra as raízes da vida renovada, vida do vindouro século.

Perguntamos: Os desafios do apóstolo encontram eco em nossa situação? Quais as tentações que nós passamos e que visam iludir as comunidades, tirando algo do pesado jugo e cruz da existência cristã entre a sexta-feira santa e o dia final? As palavras provocantes do apóstolo são irônicas?

4. Apesar dos escândalos que lhe causaram, Paulo continua a considerar os coríntios seus filhos amados. O amor paterno manifesta-se nas críticas que visam a edificação (crítica construtiva). Porque — e agora manifesta Paulo uma relação especial que o liga com a comunidade em Corinto — êle a fundou, êle é o pai, o que lhe dá um direito especial para expressar sua opinião. Assim, êle chega a dizer:

Admoesto-vos, portanto, que sejais meus imitadores.

Perguntamos: Em que sentido é Paulo o pai da comunidade? Qual é a paternidade do ministério eclesiástico?

Versículo para memoriar: 4, 1-2 Hinos 109, 96 Salmo 16

5.º tema: I Coríntios 11, 17-34

CRISTO ESTÁ PRESENTE — VÓS DESPREZAI O IRMÃO

1. A reunião de culto serve à unidade da comunidade (17-19)
2. Comunhão na mesa do Senhor impede falta de ordem e amor (20-22)
3. Cristo mesmo é doador e dom da ceia que êle ordenou (23-26)
4. Participação indigna leva à condenação (27-34)

1. Consta, inicialmente, que a comunidade em Corinto se reuniu com certa regularidade para seus cultos. Nem dissensões nem divisões, nem tão pouco individualismo ou arrogância impedem que a comunidade se reúna. Isto começou na primeira comu-

tidade (Atos 1,14; 2,42.46), e só muito mais tarde é necessário advertir: Não abandonemos a nossa própria congregação, como é costume de alguns. (Hebreus 10,25)

Comunhão sacramental inclui a presença dos membros do corpo espiritual na reunião do culto.

Pouco sabemos sobre dia, hora ou local do culto na primitiva cristandade; supõe-se, que fôsse o domingo, como parece indicar I Cor. 16,2 (V. Atos 20,7 e Apc. 1,10). Uma lei inviolável, em toda a demais liberdade externa, foi porém, que não deveriam aparecer diferenças de qualquer origem; isso causa a enérgica reprovação aos coríntios em nosso capítulo. Cada um está bem-vindo, cada um recebe igual trato — ou está em jogo a própria comunidade!

Que diria Paulo a respeito de nossos cultos? Quantas vezes representa nossa reunião dominical somente uma parcela da comunidade, uma classe, uma raça, uma certa idade...

Paulo sugere: cordialidade, portas abertas para qualquer um, fraternalidade; porque na reunião da comunidade, Cristo está presente — contamos nós com sua presença?

Perguntamos: Que podemos fazer para tornar nosso culto mais amigável, e menos introvertido? Que faremos para estimular a concentração mais contínua da comunidade? O culto dominical é o único tipo de nossos encontros?

2. O centro de nosso culto deveria ser o sacramento no qual Jesus mesmo está presente em pão e vinho. Na presença de Cristo torna-se impraticável qualquer desordem. Não tratamos de mero cerimonialismo; mas a forma do culto deve corresponder ao seu digníssimo conteúdo.

Em Corinto, a Santa Ceia realizou-se dentre de uma janta ou outra refeição, trazendo cada um a sua comida. Mas isso se tornou inconveniente: o pobre com seu pão duro viu ao seu lado o rico com a cuca fina. Paulo, por esta razão, aconselha restringir a prática destas refeições em conjunto, para conservar ao menos a dignidade da Santa Ceia como ponto alto de toda reunião.

Ao lado disso fazemos bem em considerar o outro aspeto de nosso trecho. O costume da ágape, da refeição que a comunidade toma na sua reunião, não é criticado pelo apóstolo. Nós temos toda razão para estudar como é edificante para a comunhão cristã, tomar de vez em quando uma refeição em conjunto: uma janta, um café, um chá, um almôço. Nossas festas, tão criticadas por causa de seus excessos, poderiam ser transformadas em tais oportunidades de um encontro familiar na mesa.

Perguntamos: Qual o abuso condenado por Paulo na celebração da Santa Ceia em Corinto? Quais as possibilidades de renovar o costume do ágape dentro de nossas comunidades? Como podemos transformar nossas "festas da Igreja" em "dias da Igreja"?

(Kirchen-Tage), onde, ao lado da comunhão espiritual, reine também comunhão nas refeições?

3. Deus como homem, Cristo presente em pão e vinho — para os espiritualistas de Corinto coisas incríveis! E assim sofre toda a cerimônia, porque foi desligada de sua origem. Paulo, depois de criticar abusos e excessos externos, passa em seguida a procurar esta origem, a mensagem central da Santa Ceia.

“recebi do Senhor”, diz o apóstolo no vers. 23 (como também em 15,3). Desde o princípio da cristandade existem invariáveis matérias da tradição, logo nos primeiros anos formuladas textualmente. Assim transmite Paulo o texto da instituição da Santa Ceia, como não-lo conhecemos dos evangelhos também (que foram escritos mais tarde) e como deu origem a profundos e imensos trabalhos e estudos dos pesquisadores bíblicos. A semana bíblica não nos permite desenrolar toda a doutrina da Santa Ceia; podemos apenas mostrar porque o texto aparece aqui como resposta aos abusos em Corinto e quais as consequências para as comunidades “todas em todo o lugar”:

a. “o Senhor Jesus” — Paulo destaca o nome do homem Jesus, sem mencionar o título do Cristo, para logo mostrar como a Santa Ceia tem sua base na humilhação de Deus que tomou a forma de um homem, Jesus de Nazaré e de Gólgota.

b. “na noite em que foi traído” — o acontecimento da instituição da ceia dominical está ligado ao histórico caminho da paixão, diferente de certas cerimônias antigas no culto de mistérios com um simbolismo sem raízes históricas.

c. “meu corpo” — incompreensível para os que se consideraram “sábios” em Corinto que o simples pão se tornaria veículo do corpo de nosso salvador; noutro caso, como poderiam continuar na sua libertinagem na presença do Senhor?

d. “em memória de mim” — contra abusos mágicos destaca Paulo que a S. Ceia sempre de novo se refere àquele sacrifício uma vez realizado na cruz. A memória da crucificação traz o verdadeiro sentido do sacramento.

e. “dado por vós” — como vimos no primeiro tema, é Deus que salva, e dêle que parte a redenção, e não é obra ou merecimento humano.

f. “por semelhante modo também o cálice” — pão e vinho estão aqui coordenados como corpo e sangue. Sua coordenação demonstra o sacrifício total daquele que morreu pelos pecados do mundo, cordeiro que por seu sangue salvou os seus.

g. “a nova aliança” (o novo testamento) — olhando para trás, vemos como a nova aliança, o Novo Testamento se baseia nas promessas contidas no Antigo Testamento; um não pode mais ser sem o outro (daí uma das razões pela substituição do termo

Velho Testamento por Antigo Testamento! antigo e novo respondem e correspondem-se)

h. “tôdas as vêzes que comerdes êste pão e beberdes o cálice” — diferente do sacramento do batismo, a Santa Ceia tem suas vêzes, é para ser repetida; porque o batismo aceita alguém na comunhão dos santificados, o sacramento do altar fortalece, confirma e consola os que se mantiverem na comunhão. Subentende-se que as “vêzes” não são raras; foi praxe dominicalmente celebrar a Santa Ceia e comungar, praxe que foi perdida — e quem sabe, se esta é uma razão para o enfraquecimento de nossa comunhão?

i. “anunciais a morte do Senhor” — a S. Ceia não traz nada de nôvo, nada além da mensagem fundamental: que Cristo morreu por nós; só que contempla cada um com o penhor desta salvação.

j. “até que êle venha” — a perspectiva escatológica não pode faltar quando a comunidade se reúne entre páscoa e o dia final; o sacramento é consolo e confôrto para aquêles que estão neste caminho para o alvo final, longe de serem perfeitos.

Em tudo isso, Paulo demonstra o elemento convocador da Santa Ceia, mas também aquilo que serve para desmascarar as seitas e doutrinas más. Por esta razão, sempre de novo foi a Santa Ceia a questão principal, quando se procurou um caminho para unidade na verdade.

Perguntamos: Que entende Paulo sob “recebi do Senhor” e que deduzimos disso para nossa discussão sôbre Escritura e Tradição? Que é o principal na Santa Ceia? Quantas “vêzes” participamos nós na Santa Ceia, quantas vêzes oferecêmo-la às comunidades?

4. Quem é digno para receber tal sacramento? Muitos cristãos sérios perguntaram e perguntam assim, meditando êsse trecho. Devemos, entretanto, observar que Paulo não fala de uma qualidade de nossa parte; êle usa o advérbio: indignamente. Receber indignamente fala das circunstâncias nas quais alguém recebe o sacramento, externas e internas, sua disposição de aceitar a obra salvadora (examine-se, pois, o homem, e assim coma). Quem reconhece em tal exame seu pecado, sua falta de “dignidade”, aquêles não só é digno, mais ainda: só aquêles é convidado!

Tal ordem apostólica: “examine-se” foi transformada, já na idade média, no instituto da confissão. Nós como evangélicos não concordamos com tal obrigatoriedade. Mas podemos privar nossos membros da possibilidade de um exame de consciência e do conselho pastoral nesta situação? Na Alemanha, através do “Kirchentag”, foi redescoberta a confissão como uma oferta de Deus para as consciências aflitas.

O exame de consciência é, em todo caso, o preparo regular para a Santa Ceia, seja no quarto da oração particular, seja na sacristia.

Pela deficiência na celebração da Santa Ceia, em Corínto Paulo explica certas deficiências até físicas, doenças e fraqueza na comunidade. Calvino disse sobre o versículo 30: "Que parte bem grande em nossa cerimônia é hipocrisia! E depois nos queremos admirar que há tantas guerras, epidemias, más colheitas, falta de sorte e sofrimentos?"

A doença e fraqueza da Igreja está ligada à falta de comunhão e à falta de consideração pela Santa Ceia. E um Igreja fraca, como poderá ela servir o mundo?

Perguntamos: Que significa comer e beber indignamente na S. Ceia? Como preparamo-nos bem para o sacramento? (Livro de Orações!) Qual a ligação entre arrependimento, confissão e Santa Ceia? Como podemos renovar nossa prática em tudo que se refere ao Sacramento do Altar?

Versículo para memoriar: I Cor. 11,28 Hinos 133, 136 Salmo 34

6.º tema: I Coríntios 12

DEUS DÁ PRESENTES — VÔ-LOS NÃO ACEITAIS

1. Cristo dá dons espirituais à sua comunidade (1-3)
2. Unidade e multiplicidade dos dons têm sua origem no trino Deus (4-11)
3. Batizados num corpo só, mas com muitos membros (12-26)
4. A diversidade dos dons e serviços serve à unidade do corpo (27-31)

1. Os que foram presenteados com o corpo de Cristo, receberam também o dom do Espírito. Assim liga Paulo nosso capítulo ao anterior.

Falando do Espírito, logo está presente a situação da comunidade de Corínto. Nela predominou um dom específico do Espírito, a glossolalia — falaram em línguas estranhas, em êxtase. Nossa época parece caracterizada por uma renovação da glossolalia, não só entre as comunidades pentecostais (Assembléia de Deus), mas também em certas igrejas luteranas e episcopais.

O perigo sempre está que uns consideram já o êxtase um dom em si, e não o submetem mais ao controle da Palavra. Em Corínto, o êxtase da glossolalia parece ter levado uns a amaldiçoar Jesus (Anátema Jesus), porque uns dos Coríntios tinha vergonha do pobre Jesus, de sua humilhação e sua morte.

A confissão da fé em Jesus Cristo, Deus-homem; e confissão de fé que o servo de Deus no Calvário é o redentor do mundo, esta confissão é um critério da verdade, critério para julgar os "espíritos".

Antes, “quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos”. Agora, que Deus falou, agora que sua Palavra se tornou carne e habitou no corpo de Jesus entre os homens, o Espírito de Jesus leva os fiéis à confissão: Senhor Jesus! O artigo da Trindade divina não aparece tão definido no Novo Testamento; mas implícito está presente nos evangelhos e, com notamos, também nas epístolas. A confissão jubilosa: “Senhor Jesus” não é nada mais, nada menos do que consequência da obra desta SS. Trindade.

Perguntamos: ídolos mudos influenciam em nosso tempo também? Que significa amaldiçoar Jesus? Qual é nosso critério para distinguir entre os espíritos e o Espírito Santo?

2. Logo em seguida, todos os dons e talentos em toda sua multiplicidade são postos em relação ao trino Deus. Paulo põe o acento na unidade: Todos os dons oriundos de um Espírito. Tantos serviços para um Senhor! Muitas realizações operadas por um Deus. Assim ordena e coordena Paulo os dons na comunidade.

Entre nós, o acento seria diferente. Na maioria das comunidades estamos longe da multiplicidade dos dons, serviços e realizações. Nós acentuamos a diversidade; nós chamamos para a ação todos os membros de nossas comunidades. O próprio apóstolo nos mostra o caminho para isso, dizendo (7): A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando um fim proveitoso. A cada um! Não se trata de uns escolhidos, duma elite, dos preferidos e prediletos. É assustador para nós — mas já o foi para os coríntios, que ao menos queriam classificar, e queriam dar preferência a estes cujos dons causaram as mais vivas impressões (falar em línguas!).

Deus dá seus dons a todos, e a comunidade não pode negar o direito de colaboração, com o respetivo dom, a nenhum de seus membros; pelo contrário, deve procurar a despertar os dons inaproveitados. Proveito vem do aproveitamento! Dons enterrados não produzem.

E “proveito” é um termo muito humano, relacionado com nossa vida no mundo. Os dons (v. 4) levam ao serviço (5) do próximo, e assim será algo de proveitoso realizado (6).

Nos versículos 8 a 10, Paulo enumera diversos dons conhecidos entre os coríntios. E nós? Os mesmos exemplos não podemos mostrar em nossas comunidades, Não temos, porventura, outros dons?

Não nos deixemos levar à resignação nem à ilusão. Existem dons e talentos entre nós, só muitas vezes no escondido. E se não existissem, deveríamos orar, com insistência, pedindo ao Senhor que nos dê um reavivamento novo, parecido àquêle de Pentecoste.

Perguntamos: Que podemos fazer para descobrir e integrar dons e talentos no serviço da comunidade? Quais os dons pelos quais daremos graças hoje? por que dons devemos pedir?

3. O exemplo do corpo, muito em uso na literatura antiga, em nosso capítulo ganha um novo aspecto. "Nós fomos batizados em um corpo" — isso é realismo sacramental. Desde que a comunidade, pelo batismo, foi incorporada a Cristo, deve também corresponder em todas suas ações a esta realidade.

Com o exemplo do "corpo de Cristo", Paulo explica outra vez unidade em multiplicidade. Para o bom funcionamento do corpo é necessário a diversidade de membros com suas funções específicas (funcionamento pressupõe funções). Toda vida orgânica obedece a esta lei da divisão de trabalho e da cooperação dos membros, das funções.

Não pode um membro realizar tudo sozinho, nem cada membro fazer cada serviço. "Suum cuique" — cada um faça o que lhe compete e para que possui as condições e capacidades básicas.

Não deve haver divisão no corpo; não é justa a distinção dada a uns membros (e funcionários) com talentos que caíam na vista (ou no ouvido); não é justo o destaque dado aos que muito possuem e por isso também maiores responsabilidades financeiras têm no corpo da Igreja. Partindo dos versos 23 a 25, deveríamos reconsiderar o tamanho das letras com que nós escrevemos os nomes dos doadores nas vidraças de nossos templos!

O vers. 25 diz respeito a outro ponto crucial de nossos dias: a divisão do corpo de Cristo. "Pão para o mundo" e outros serviços e realizações intereclesiais são primeiros passos para a cooperação entre os membros, agora em sentido mais amplo, da Igreja universal, ecumênica, católica.

Perguntamos: Qual a relação entre cooperação mútua e divisão de trabalho nas comunidades? Que podemos fazer para chegar a um equilíbrio nas funções de todos membros? E sobre os problemas que afligem a sociedade de hoje — qual a mensagem da Igreja com corpo de Cristo?

4. Tendo enumerado diversos dons já nos versos 8 a 10, Paulo agora, no fim do capítulo, fala de diversas funções, em parte repetindo que inicialmente já dissera. Certas modificações entre as duas listas mostram que aqui não reina um esquema definido de uma vez para sempre.

O que importa é que todos os serviços na Igreja foram estabelecidos por Deus. Neste sentido, todos têm igual dignidade: o do apóstolo e o dos que prestam socorros, mestres e intérpretes: todos servem ao uno Senhor, e todos devem procurar, com zelo, os melhores dons.

Perguntamos: Quais os serviços, cargos e funções que nós coordenaríamos numa lista? Leigo e teólogo: duas contra-posições? O ministério pastoral possui mais dignidade do que os mais diversos serviços dentre da comunidade?

Versículo para memoriar: I Cor. 12,27 Hinos 79, 190 Salmo 122

7.º tema: I Coríntios 12, 31 - 13, 13

DEUS É O AMOR. ASSIM PERMANECE SUA IGREJA

1. O amor é o mais importante na vida da comunidade (12,31)
2. Sem amor, tôdas obras da piedade nem têm valor (13,1-3)
3. O amor tornou-se pessoa em Jesus Cristo (4-7)
4. O amor jamais acaba (8-10)

1. O grandioso cântico do amor conhecemos e estimamos tanto, que tal conhecimento nos podia impedir o acesso ao sentido mais amplo do capítulo. Por isso, convém colocá-lo bem dentro de sua ordem e seu lugar em nossa epístola.

A epístola aos coríntios quer renovar a vida da comunidade em Corinto, ameaçada por arrogância e falsa doutrina; tal renovação realiza-se na "volta às raízes da fé", baseando Paulo tôda sua teologia na cruz de Cristo, sendo êle quem renova teoria e prática, dogmática e ética, culto e vida diária dos seus.

Também a colocação do cap. entre 12 e 14 que tratam dos dons espirituais e de sua coordenação para o bem estar da comunidade, tem seu sentido profundo. Como já aconteceu diversas vêzes nos capítulos anteriores, Paulo passa de um fenômeno marginal para o centro, o ponto básico.

Assim, o amor está situado entre os dons espirituais, e entre êles, nosso cap. está se introduzindo "Eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente". Como a fé é chamada um "caminho" (Atos 9,2), também o amor não é um estado, e, sim, um caminho, uma peregrinação. Santificação é um trabalho contínuo no que o Espírito Santo nos desperta para a atividade de fé e amor.

Perguntamos: Como se realiza o amor cristão na comunidade de hoje? Amor pode-se delegar a uns funcionários e instituições de caridade? Em que supera o amor os demais dons do Espírito?

2. O cântico de amor obedece a uma rigorosa sistemática. Primeiro confronta com o amor os dons prediletos da comunidade de Corinto: glossolalia, sabedoria, perfeccionismo heróico. Sem o amor, tudo isso seria vazio, nulo sem amor.

Se a glossolalia passasse a falar não só línguas terrestres, mas até línguas dos anjos; se a sabedoria se apoderasse de todos os conhecimentos inda fora do alcance de nossa ciência; se o fanatismo religioso nos levasse até o autosacrifício (lembremo-nos dos budistas no Vietname!): tudo seria em vão, se faltasse a mentalidade do amor. Assim, o amor torna-se o verdadeiro elemento de nossa vida e a coroação de tudo que nós pensamos e realizamos.

Não são estas sentenças do apóstolo muito exageradas? Paramos perplexos diante das expressões de Paulo, mais desejando

ainda que entre nós surgissem tais virtudes, tais dons praticados e aplicados. Paulo, de maneira alguma, pretende difamar ou depreciar ou desvalorizar os dons dos quais tanto falou no cap. 12; visa, porém, enquadrá-los no sistema de coordenadas de fé e amor; nos fundamentos certos, também está certa a edificação pelos dons múltiplos; tomado um dom por si, separado do fundamento, separado do convívio, a maior virtude poderá tornar-se vício cruel.

O amor é base e medida da perfeição. Ama e faz que quiseres, diz Agostinho:

Perguntamos: Que virtudes ou atividades poríamos nós no começo destas frases "Ainda que... , se não tiver amor, nada vale"? Podemos nós exemplificar que a maior ciência e soma de conhecimentos, carecendo de amor, se torna até destrutiva? Que resulta de I Cor. 13,1 para a teoria da prédica, a homilética?

3. Limitando-o perante os demais dons, o primeiro trecho mostrou o elemento constitutivo do amor. Agora (4-7) demonstra o conteúdo do verdadeiro amor. Mudando o tema, muda até a construção; o amor, até agora, foi tido como uma coisa; doravante, porém, se fala dêle como de uma pessoa. Assim, nos Provérbios do AT, a sabedoria aparece como pessoa.

Mas aqui se trata de mais. O teólogo W. Brandt substituiu em nosso texto sempre a palavra "amor" pelo nome "Jesus Cristo". Resultado: amor não é uma, qualquer, virtude ou coisa ou qualidade, êle sempre é expressão duma personalidade; resultado segundo: tal amor está situado além das possibilidades humanas, maior do que todos os outros dons com os quais Deus agracia os seus. Em Jesus Cristo, êste amor vestiu-se de um corpo humano, e foi o Senhor que praticou tudo aquilo que nosso trecho relata como ação do amor. Seria interessante, comprovar esta afirmação com exemplos da vida de Jesus, e os próprios participantes do nosso estudo poderiam compilar as referências.

Tendo comunhão com Jesus, a comunidade pode e deve participar também do seu amor. O que Paulo escreve do divino amor refere-se, já pela situação no cap. 13 desta epístola, à ação da comunidade de Jesus Cristo que *nêle* vive.

O amor neste sentido é ilimitado. Vers. 7 repete quatro vezes o "tudo"; ponto alto de tal amor é o amor para com o adversário, como Jesus nô-lo ensinou no sermão do monte (Mt. 5).

O amor que sofre, crê, espera e suporta tudo, sujeita-se aos mal-entendidos, ao sofrimento, à oposição, à humilhação. Êle não visa ser a suprema virtude. Não é aconselhável que nós glorifiquemos o divino amor com têrmos de alta arte retórica; temos que convidar e concitar para que os ouvintes criem ânimo para trilhar o modesto e pouco vistoso caminho do amor, no qual Deus e homem se encontram.

Perguntamos: Quais as relações entre amor e verdade? Quais são as qualidades e faculdades criadoras do amor? Quais são as relações entre o amor de Cristo e o amor dos cristãos?

4. A polêmica contra a arrogância dos grupos d'élite em Corinto leva Paulo a sentenças bem claras.

A ciência passará com o mundo que êle decifra e modela. A profecia terminará quando tudo será restaurado em Cristo. Línguas, em si uma consequência da confusão humana (Gên. 11; Atos 2), não separarão mais os filhos de Deus. Tudo que aqui são dons e incumbências da comunidade, está com tempo determinado.

O amor é o comêço da perfeição divina, que iniciou seu domínio na terra com a vinda de Cristo, e que será vista, manifesta e vitoriosa no dia final, quando o amor de Deus será tudo em todos. Os demais dons são relativos; até fé e esperança são ainda caminho para a perfeição, o amor, porém, é a perfeição final. Porque Deus é amor.

Com o último verso do capítulo, Paulo tira a soma de sua epístola. Para nós que excluimos de nossa "semana bíblica" o grande cap. 15 sôbre a ressurreição que merece uma semana bíblica ao lado de nossa atual (e já foi, na Alemanha, tema da S.B. em 1952; manual "Von der Auferstehung der Toten"), culmina nêsse verso a mensagem tôda que Paulo dirige à comunidade dos coríntios e a todos em todos os lugares que vivem na mesma comunhão de fé, de esperança e amor.

No espêlho desta epístola, encontramos as manchas escuras nas vestes de nossa comunidade, mas também a clara luz da divina vocação. Nossa última pergunta seria, por isso:

Como se realiza tal amor cristão na vida diária da comunidade e nas relações sócio-políticas em que vivemos?

Versículo para memoriar: I Cor. 13,13 Hinos 108/76 Salmo: I Cor. 13!

Elaborado por um grupo de trabalho composto de pastores e professores da região de Cachoeira, sob a orientação do pastor Christoph Jahn.